

O CORPO HUMANO COMO ARMA DE GUERRA

The Human Body as
War Weapon

Victória Bellini¹

RESUMO

Esse artigo procura estabelecer uma relação entre os grupos de libertação nacional, IRA e Hamas, através da conexão entre religião, sociedade, indústria e o crescimento da racionalidade e ciência. O principal foco deste trabalho é analisar a relação do corpo humano como uma arma de guerra em táticas terroristas em ambos os grupos, por meio da greve de fome na Irlanda de 1981 e dos suicidas palestinos em toda a jornada do Hamas. O senso de comunidade e coesão social será apresentado em ambas as organizações terroristas, incluindo o espírito nacionalista e religioso, valores, expectativas e motivações que levam um indivíduo a comprometer seu corpo de maneira racional, dentro de suas crenças.

PALAVRAS-CHAVE: Terrorismo; Corpo Humano; Ira; Hamas; Greve de Fome; Suicídio.

ABSTRACT

This article aims to do a relation between groups as IRA and Hamas through the connection of their religion, society, industry and growing of rationality and science. The main focus of this paper is study the human body relation as a war weapon in terrorists tactics on both groups by the hunger strike on Ireland (1981) and the palestines suicides along Hamas journey. The community sense and social cohesion will be showed in both terrorist organizations, including the nationalist and religious spirit, values, expectations and motivations that directing the individual to pledge your body in a rational way, inside his beliefs.

KEYWORDS: Terrorism; Human Body; Ira; Hamas; Hunger strike; Suicide.

¹ Graduada em Relações Internacionais pela ESPM-Sul. Email: victoriabellini@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A popularização do termo “terrorismo” ocorreu logo após o atentado do 11 de Setembro de 2001. A expressão “guerra ao terror” internacionalizou-se e, juntamente com esse processo, criou-se a ideia de que terrorismo é algo novo, do século XXI e, ainda, comumente ataques terroristas e muçulmanos estão diretamente relacionados, como se esse povo fosse o único que fizesse uso de tal prática. Esse artigo busca apresentar o que leva um indivíduo dentro de um grupo terrorista a comprometer seu corpo de maneira permanente à causa. Para a exemplificação, foi selecionado o caso do IRA e o do Hamas, uma vez que ambos utilizam seus integrantes para perpetuar o terrorismo psicológico no inimigo e esperam, assim, atingir seus objetivos. A semelhança entre ambos é clara: são movimentos de libertação nacional que utilizam da tática de guerrilha terrorista para alcançar seus objetivos, militar e políticos, dentro de um território que desejam libertar. Os dois grupos possuem uma voz política transmitida através de um partido, sendo eles respectivamente o Sinn Féin e o Fatah, os quais auxiliam e proporcionam uma maior visibilidade internacional da causa a ser defendida.

O método de pesquisa, para Minayo (2003, p. 16-18) é o caminho de pensamento a ser seguido. A pesquisa é vista, então, como uma atividade essencial na ciência para a construção da realidade. Para Gil (1991), a segmentação dos objetivos da pesquisa é essencial para a realização do estudo. Em vista disso, o objetivo deste artigo é identificar em quais circunstâncias o corpo humano pode ser visto, ou interpretado, como um instrumento de guerra nas lutas do IRA e do Hamas. A importância deste estudo consiste em auxílio enquanto material acadêmico, pois a escassa bibliografia nacional em torno do assunto torna este projeto relevante, principalmente na área das Relações Internacionais. Além disso, é importante que a pesquisa a ser realizada mostre tanto a capacidade militar quanto a força política dos grupos evidenciados; deixe claro que uma as estratégias utilizadas, embora venham parecer semelhantes, são, na realidade, esferas diferentes de religiões sem muito contato na história e evidencie, no campo sociológico e antropológico, o que leva um indivíduo e uma comunidade a engajarem-se em atos extremos.

Este artigo caracteriza-se por ser uma pesquisa qualitativa, descritiva e bibliográfica. Godoy (1995) expli-

cita algumas características principais de uma pesquisa qualitativa, as quais embasam também este trabalho: considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto; a análise dos dados foi realizada de forma intuitiva e indutivamente pela pesquisadora; não requereu o uso de técnicas e métodos estatísticos; e, por fim, teve como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuição de resultados. Além disso, é denominada uma pesquisa bibliográfica, pois, segundo Oliveira (2007), visa proporcionar à pesquisadora o contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo: “o mais importante para quem faz opção pela pesquisa bibliográfica é ter a certeza de que as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidamente do domínio científico” (OLIVEIRA, 2007, p. 69).

IRA E A GREVE DE FOME DE 1981

O terrorismo, mesmo em pequena escala, apresenta-se como uma tática para atingir uma mudança política, sendo que é, inicialmente, um modo de luta não suicida e, mesmo quando as circunstâncias são desfavoráveis para os insurgentes, ele consegue, independentemente disso manter-se por um tempo considerável. Com tal análise, insurgentes da Europa ocidental idealizam efetividade na formação de uma guerrilha como estratégia principal. Pode-se dizer que “todos os grupos terroristas almejam ser guerrilhas e que o terrorismo é usado como uma estratégia de insurgência inicial” (CHALIAND e BLIN, 2007, p. 45).

Numa análise teórica, a classificação das estratégias de insurgência é necessária quando se busca compreender a essência da mesma. Porém, essa categorização é mais complexa do que classificações acadêmicas. Na realidade, é difícil distinguir terrorismo de guerrilha, conforme afirmam os autores.

Baseando-se nisso, a estratégia usada pelo IRA pertence à categoria de *terrorismo*, uma vez que o IRA não tenta conquistar território visando ao estabelecimento de “zonas libertadas”, mas, ao contrário, deseja que o condado de Ulster (Irlanda do Norte) seja integrado à Irlanda, em seus aspectos políticos, econômicos e militares. As táticas utilizadas também são características terroristas: sequestro, assassinato, explosões de carros e barricadas de

reféns. Porém, algumas operações do IRA, como ataques de morteiro em delegacias policiais e explosões de pontes, são associadas com *guerrilha*.

Tratando-se do caso do IRA, uma vitória militar, sendo de guerrilha ou terrorismo, não implica numa vitória política. Por esse motivo, o movimento viu-se na necessidade de ter um braço político ativo e assim o fez, estabelecendo Sinn Féin. A luta inicial, que culminou na criação do Irish Free State, em 1921, foi um referencial para os vários movimentos de libertação nacional que iriam terminar com os impérios coloniais algumas décadas depois, após a Segunda Guerra Mundial. A Grã-Bretanha, que não foi derrotada militarmente na Irlanda, foi um dos primeiros países a sentir os efeitos de uma nova estratégia, em que uma vitória militar não garantia vitória política. Outro grande império colonial, a França, passaria por uma experiência similar na Argélia, onde a conclusão foi a mesma.

No caso do IRA, um aspecto fundamental a ser ressaltado é que, quando a guerrilha terrorista irlandesa chegou em território britânico, o cenário mudou. A mesma situação ocorreu com os Estados Unidos da América (EUA) depois dos ataques do 11 de Setembro: alvos americanos haviam sido atingidos antes, mas longe do território nacional. Quando se trata da pátria, um simples ataque terrorista pode ter repercussões gigantescas; (CHALIAND; BLIN, 2007, p. 187) e era exatamente isto o que o IRA desejava.

O Irish Free State foi implementado e, com ele, uma luta interna no IRA iniciou-se. Havia aqueles que aceitaram a repartição da Irlanda, agora com sua própria voz política, e os que rejeitavam o acordo assinado por Michael Collins². Mesmo com essa repartição evidente, o IRA neutralizou-se e só voltou com ataques terroristas de nível internacionais em 1968.

É importante ressaltar também que, na esfera religiosa, em 1969, os católicos que moravam em Ulster, na Irlanda do Norte, eram considerados cidadãos de *segunda classe*, conforme o status econômico que os protestantes utilizavam para lhes categorizar. Os católicos representavam 38% da população em Ulster, mas essa porcentagem subiu desde então (CHALIAND; BLIN, 2007, p. 250).

A partir dos dados apresentados e do *background* estabelecido, a compreensão dos protestos de 1980-81 ficam mais acessíveis. No dia 1º de março de 1981, o prisioneiro Bobby Sands, membro do Provisional IRA, começou a re-

cusar comida na sua cela no H-Block, em Long Kesh, na prisão de Maze, localizada na Irlanda do Norte. O início dessa greve de fome foi planejado pelos próprios prisioneiros com dois meses de antecedência, relatam Hanley e Millar (2010), pois viram a necessidade de um novo protesto em vista de promessas não cumpridas no ano anterior. Essa nova greve possuía um tom mais forte e dominador; os prisioneiros engajaram-se de uma maneira em que não hesitariam até que suas demandas fossem atendidas. Googan (2002) descreve que havia seis demandas: o direito de usar as próprias roupas dentro da prisão; o direito de não realizar trabalho na prisão; livre circulação entre os prisioneiros; abolição do crachá de criminosos – queriam ser reconhecidos como prisioneiros políticos; diminuição em 50% de suas sentenças e visitas regulares de parentes, acesso à educação e instalações de lazer. Caso as demandas não fossem cumpridas, os prisioneiros alertaram a Grã-Bretanha da possibilidade de uma nova greve de fome dentro da prisão. Foi o que aconteceu.

Porém, para Googan (2002), o estopim ocorreu quando um grupo de 20 homens foi selecionado sob as premissas de que iriam se banhar, barbear e cortar o cabelo, coletando, por final, as suas próprias roupas para usarem dentro da prisão durante o final de semana. Tudo ocorreu normalmente, porém, as roupas não foram entregues como o combinado, e Sands emitiu um aviso:

[...] Uma segunda greve de fome não pode e não irá terminar em derrota, porque, como eu disse antes, quando o balanço da conformidade suplanta o da resistência, então a criminalização está realmente ganhando. Por tanto, camaradas, mais uma vez sob a coação da barbárie britânica e na face de mais uma intransigência, somos forçados a embarcar em uma greve de fome nas próximas semanas (BOBBY SANDS, 1981).

Deste modo, a passagem de Bobby Sands para sua “imortalidade” iniciou-se dois meses depois. Outros nove prisioneiros, todos católicos nascidos na Irlanda do Norte, juntaram-se a ele. Segundo Googan (2002), todos foram cuidadosamente analisados para participar do protesto, uma vez que não poderia haver oscilações entre determinação e desespero. Alguns critérios utilizados para a seleção dos voluntários que iriam participar do protesto, segundo Dingley e Mollica (2007),

² Líder irlandês da revolução, diretor de inteligência do IRA, ministro de finanças do *First Dáil*, congressista e chefe em comando do Governo Provisional, presidente da Irmandade Republicana Irlandesa (IRB).

era que todos deveriam escrever uma breve história de suas famílias. Desse modo, ficava evidente quem era mais propenso a se comprometer totalmente à causa: quem não tinha filhos e vinha de uma família pequena; prisioneiros condenados a um encarceramento maior eram mais inclinados a engajarem-se totalmente; deveriam ter uma saúde boa, assim, evitando uma morte prematura e reforçando ainda mais a causa – também “indicaria que a suas mortes eram somente culpa da recusa do governo britânico a atender as demandas exigidas” (DINGLEY; MOLLICA, 2007, p. 10). Por último, era necessária uma estabilidade mental para conseguir lidar com o possível estresse dessa prova física.

Todo o necessário para realizar uma greve de fome efetiva foi estudado, inclusive, “o IRA contatou um palestino que havia sobrevivido a uma greve de fome e sede durante um longo período, com o intuito de que essa experiência pudesse ser colocada em prática” (GOOGAN, 2002, p. 498). Fora da prisão, apesar do apoio, havia o temor das repercussões negativas que esse protesto poderia desencadear. Porém, apesar dos anseios, o braço político do IRA, o Sinn Féin, apoiou totalmente a greve.

Desta vez, as greves foram mais bem planejadas: os prisioneiros não iniciariam a greve todos juntos, como aconteceu em 1980. Ao contrário, tomariam parte a partir de intervalos de duas semanas, possibilitando, assim, a continuidade do protesto por muito mais tempo. Dingley e Mollica (2007) relatam que a estratégia inicial era a de que um novo grevista entraria na causa a fim de substituir um mais fraco, engajado há mais tempo, executando, assim, uma pressão intensa sob o governo britânico.

Como resultado dessa segunda greve, 10 prisioneiros morreram durante um período de aproximadamente um ano. Por esse motivo, no dia 3 de outubro de 1981, a greve foi cancelada. Segundo Dingley e Mollica (2007), muitos parentes dos grevistas retiravam-nos da greve uma vez que eles estavam tão perto da morte, alegando que estavam incapazes de raciocinar por si mesmos, criando, assim, uma situação embaraçosa para a liderança Republicana fora da prisão. Além disso, a tática de jejum até a morte foi perdendo força, uma vez que a mídia deixava de dar atenção a cada prisioneiro que morria. Isso ocorria porque não era mais uma novidade e não acarretava em um impacto novo no cenário internacional. Conseqüentemente, as greves de fome foram formalmente terminadas devido a uma proposta do governo britânico, cujos termos, relatam

Dingley e Mollica (2007), nunca foram tornados públicos e estão, portanto, abertos a debate. No entanto, o governo, apoiado por grande parte da mídia, clamou vitória sobre esse evento.

O governo britânico cedeu, após o término do protesto, a algumas demandas, tal como o direito de trabalhar na prisão. Porém, “nenhum reconhecimento formal foi estabelecido pela Grã-Bretanha acerca do *status político* dos prisioneiros irlandeses” (DINGLEY; MOLLICA, 2007, p. 8). Com isso, e somando-se a morte dos encarcerados protestantes, o governo britânico foi criticado pela Comissão de Direitos Humanos por ser inflexível e ficou popularmente conhecido como o responsável pelas mortes.

HAMAS E AS OPERAÇÕES SUICIDAS

Para melhor compreender os motivos que levaram o grupo terrorista Hamas a adotar a prática suicida através de homens-bomba para fins políticos e religiosos, precisamos relatar um pouco da história do grupo. Uma breve apresentação histórico-política será apresentada a fim de explicar os motivos psicossociais envolvidos na formação do terrorista muçulmano suicida.

Com o final de Segunda Guerra Mundial, em 1945, milhares de judeus migraram para Israel, pois acreditavam que o território era seu por direito e por história – era a sua Terra Prometida. Buscando seu território e aliados, a Agência Judaica se ofereceu para contribuir na Palestina, estabelecendo um grupo de brigada judaica sob comando britânico (CHALIAND; BLIN, 2007, p. 213). Os ataques contra judeus e israelenses tornaram-se mais violentos e, quase automaticamente, a defesa israeli foi formada, numa base ideológica pouco diferente do futuro *Palestine Liberation Organization* (PLO). Como o ex-Primeiro Ministro Israelense, Menachem Begin, relatou em suas memórias sobre a revolução que iria eclodir:

As origens históricas e linguísticas do termo político “terror” provam que não podem ser aplicadas a uma guerra revolucionária de libertação. Uma revolução pode dar origem ao que chamamos de “terror”, como aconteceu na França. Terror às vezes pode ser seu precursor, como ocorreu na Rússia. Mas a própria revolução não é terror e o terror não é a revolução. Uma

revolução, ou uma guerra revolucionária, não visa provocar medo. Seu objetivo é derrubar um regime e estabelecer um novo em seu lugar. Em uma guerra revolucionária, ambos os lados usam força. (BEGIN, 1977, p. 59-60).

A tensão atingiu seu auge em 1947, quando, em represália pela execução dos três terroristas Irgun, dois sargentos britânicos foram enforcados. Em decorrência, salientam Chaliand e Blin (2007), a pressão subiu para que a imigração palestina abrisse suas portas aos judeus “deslocados”, enquanto um inquérito, realizado por uma comissão especial da ONU para a Palestina, levou a pedir um fim à ocupação britânica. Com o consentimento dos britânicos, que estavam ansiosos para desocupar o território, um encontro foi marcado para o estabelecimento do estado de Israel e a consequente divisão da Palestina. Os países árabes anunciaram sua rejeição da partição. De qualquer forma, “a criação de Israel foi ratificada tanto os Estados Unidos e a União Soviética” (CHALIAND; BLIN, 2007, p. 214).

Com isso, surge o PLO, com seu braço armado denominado Fatah, em meados dos anos 1950, que tinha um grupo extremista chamado Black September, criado na mesma época em que o Rei Hussein havia ordenado a expulsão de palestinos da Jordânia. O mais notável ataque terrorista do Black September foi contra os atletas israelenses nas Olimpíadas de Munique, em 1972; o grupo manteve alguns atletas reféns enquanto exigiam a libertação de prisioneiros palestinos e de dois alemães. Ao verem que suas demandas não seriam atendidas e, caindo numa “emboscada” alemã, os terroristas resolveram atirar em todos os nove reféns. A partir desse momento, o primeiro ministro de Israel permitiu que o Serviço Secreto Israelense fosse atrás de todos os envolvidos no planejamento do ataque e os matasse, missão denominada “*Wrath of God*” (Ira de Deus). Assim, a importância relativa do terrorismo na luta global depende das circunstâncias, relatam Chaliand e Blin (2007), mas é sempre parte da contenda. Um caso em questão é a luta Palestina. Abu Iyad, um dos principais líderes da PLO, observou em suas memórias:

Eu não confundo violência revolucionária, que é um ato político, com o terrorismo, o que não é. Rejeito o ato individual cometido fora do contexto de uma organização ou de uma visão estratégica. Rejeito o ato ditado por motivos subjetivos

que afirmam tomar o lugar da uma grande luta. A violência revolucionária, por outro lado, é parte de um movimento grande e estruturado. Ela serve como uma força complementar e contribui, durante um período de reagrupamento ou derrota, para dar ao movimento um novo impulso. Ela se torna supérflua quando o movimento alcança sucesso político na cena local ou internacional. (IYAD, 1998, p. 67)

Após mais alguns ataques do Black September, como sequestros, bombardeios e assassinatos, o líder do Fatah, Yasser Arafat, resolveu acabar com o grupo com o pretexto de que havia feito mais mal do que bem, sem nenhuma resposta significativa de Israel. Assim, o PLO, apoiado pelo governo egípcio (pois o mesmo idealizava um Estado Árabe unificado, tendo o Egito como centro), ganha mais força. Em vista disso, e sentindo ameaçado, Israel ataca a Palestina e o Egito, numa guerra que durou seis dias, tendo os israelenses como vitoriosos. Envergonhado por ter perdido a guerra, o presidente do Egito elege Yasser Arafat como líder do PLO e, desse modo, unifica o PLO com o Fatah, tornando-se uma grande organização contra Israel. Contextualizando, Chaliand e Blin (2007) escrevem que uma versão especial da doutrina de provocação é relevante para um conflito que tem uma dimensão internacional. Quando os insurgentes representam uma facção nacionalista radical de uma entidade política maior - como o Fatah, por exemplo -, ou são apoiados por um Estado ou podem esperar que seus atos de terrorismo irão desencadear uma guerra entre o seu país de destino e do Estado que os apoia (CHALIAND; BLIN, 2007, p. 35). Essa foi a estratégia inicial da Fatah, como Khaled al-Hassan, um dos principais ideólogos do Fatah, explicou:

A técnica de luta armada era visivelmente simples. Nós chamamos isso de táticas de “ação e reação” porque pretendíamos realizar ações, as quais os israelenses iriam reagir e os Estados árabes, de acordo com nosso plano, apoiariam nossa guerra contra Israel. Se os governos árabes não fossem para a guerra, os povos árabes iriam nos apoiar e, em consequência, forçaria seus governos a nos apoiar também. Queríamos criar um ambiente de espírito de luta entre a nação, de modo que eles fossem se levantar e lutar (BECHOR, 1991, p. 279).

Em 1972, logo após o ataque terrorista nas Olimpíadas de Munique, Israel não vê alternativa a não ser

atacar o Fatah no seu próprio território. Isso forçou o grupo a retirar-se e se estabelecer juntamente com seus aliados. Em meio a essa interminável guerra, a Palestina fica sem “defensores” e, com isso, os corações e mentes palestinas dão lugar a um novo grupo, intitulado Hamas (fundado no Egito). O grupo se envolve em projetos educacionais e na área da saúde, apoiando e ajudando os palestinos pobres e necessitados (POWELL, 2009).

O Hamas surgiu logo após o início da Primeira Intifada. Como o IRA (*Irish Republican Army*), essa organização é composta por um braço político provindo da Irmandade Muçulmana, o qual é reconhecido oficialmente por Israel, porém, a organização não reconhece o Estado de Israel. O grupo é um movimento de resistência palestino, o qual visa à criação de um Estado palestino-islâmico e a extinção do Estado de Israel.

Além disso, o movimento combina aspirações políticas, como a destruição do Estado de Israel, com aspectos fortemente religiosos; o segundo servindo de propósito para o primeiro a fim de recrutamento de fiéis e seguidores, ecoando na ideologia de outros movimentos de libertação nacional. Deve-se notar, segundo Chaliand e Blin (2007), que a fase inicial do terrorismo palestino foi essencialmente política e secular, somente tomando partido religioso nos anos 1980, logo após a Revolução Iraniana. Também é identificado como uma forma de “*jihaadismo* contemporâneo” (juntamente com o movimento Hezbollah), pois ambos transmitem suas mensagens através de terror político. Cada grupo tem sua própria visão política que permite a possibilidade de negociações com seu oponente em um determinado momento, embora esse momento ainda não tenha ocorrido para o Hamas.

O primeiro ataque de autoria do Hamas, de homens-bomba, de que se tem registro, foi em 1994, matando aproximadamente 22 civis, em Tel Aviv, capital de Israel. Com o passar do tempo, mais ataques foram perpetuados, chegando ao seu máximo em 2002, onde cerca de 45 homens-bomba se sacrificaram em nome do grupo, matando centenas de civis. Nota-se, também, que a maioria dos suicidas são jovens e, portanto, resta uma análise acerca do recrutamento desses fiéis. Para o professor Vamik Volkan, da Escola de Medicina da Universidade da Virgínia, nos Estados Unidos:

A maioria dos homens-bomba do Oriente Médio são adolescentes, “educados”, e, em seguida, enviados para cumprir seu dever

quando estão no início de seus vinte e poucos anos. Essa “educação” é mais eficaz quando os elementos religiosos da identidade de grandes grupos são apresentados como soluções para o sentido pessoal de desamparo, vergonha ou humilhação. Substituir elementos emprestados sancionados por Deus para um mundo interno faz dessa pessoa onipotente e que suporte o narcisismo individual. Descobri que era fácil encontrar jovens interessados em se tornarem homens-bomba em Gaza e na Cisjordânia. (VOLKAN, 2005, p. 14)

Desse modo, a maneira segundo a qual os suicidas são recrutados e treinados é essencial para o entendimento e análise da causa. Volkan (2005) estabelece duas etapas básicas para a educação de um homem-bomba. Primeiramente, os professores encontram jovens que já possuam uma identidade pessoal perturbada e que buscam um elemento exterior a fim de estabilizar seu mundo interno. Em segundo lugar, um método de ensino é desenvolvido, o qual força a identidade coletiva sob o indivíduo, além de estabelecer uma visão étnica e religiosa, a qual entra facilmente na pessoa perturbada com fins de preenchimento dessa perturbação, só danifica ainda mais a identidade individual. Assim, Volkan (2005) relata que, uma vez que as pessoas se tornam candidatos a homens-bomba, as regras e regulamentos de rotina, ou o individualismo, por assim dizer, não se aplicam totalmente aos seus novos padrões de pensamento e ação.

O CORPO HUMANO COMO UMA ARMA TERRORISTA

Embora seja tentador comparar os Assassins aos mártires jihadistas contemporâneos, é importante ressaltar que a visão de martírio deles foi baseada em uma forma sectária do Islã. Na verdade, eles esperavam, por meio de seu sacrifício, ajudar a criar um mundo melhor. Segundo Chaliand e Blin (2007), o mundo de hoje está enfrentando um problema diferente: os membros palestinos do Hamas e seus homens-bomba são motivados principalmente pelo desejo de vingança contra um mundo ímpio, enquanto esperam que suas ações lhes garantam alegrias e um lugar no paraíso. Segundo Durkheim (2000), como é uma virtude não ter apego à existência, louva-se aquele que renuncia a ela diante das

menores circunstâncias; entende-se, assim, o suicídio como um prêmio social. Assim, “o indivíduo aspira a se despojar de seu pessoal para mergulhar nessa outra ‘coisa’, que ele percebe como sua verdadeira existência” (DURKHEIM, 2000, p. 280). Foi somente no século XX que o conceito do mártir militante desenvolveu-se plenamente no contexto do islamismo radical.

Tendemos a pensar sobre suicídio como algo muito individual e pessoal. O suicídio, nesse caso, será tratado como um fenômeno social, justamente por compor uma comunidade. A bibliografia de Durkheim (2000) serve, até hoje, como referência devido ao seu trabalho metodológico acerca desse tema. Segundo o autor, para que um ato seja considerado suicida, deve haver intenção, a qual pode variar – não necessariamente deve visar à autodestruição –; pode ser individual e negativa, como, por exemplo, as greves de fome. Já os homens-bomba não têm como objetivo principal sua própria morte; ao contrário, querem matar e provocar a destruição de outros e, por isso, usam o corpo como arma - sua morte seria um ato secundário. Aos que se comprometem as greves de fome, podem ser chamados de suicidas desde que sua intenção seja a morte. Além disso, “o indivíduo deve estar ciente das consequências de seus atos para que o mesmo seja qualificado como suicídio” (DURKHEIM, 2000).

Durkheim (2000) diz que quando o indivíduo está muito integrado com a sociedade, ele comete suicídio altruísta; quando a conexão é fraca e/ou pouca, é considerado um ato egoísta. Neste caso, somente o suicídio altruísta entrará em pauta, uma vez que “a sociedade pesa sobre o indivíduo para levá-lo a se destruir” (DURKHEIM, 2000, p. 273). A partir desse pensamento, a pessoa teria o dever de se matar; caso contrário, seria condenada a uma vida terrível no além-túmulo. Assim, a sociedade obriga e determina as condições e circunstâncias que tornam o suicídio exigível – nesse caso, com fins sociais. Portanto, ainda seguindo a linha de pensamento do autor, para que a sociedade possa coagir alguns de seus membros a terminarem com suas vidas, é preciso que a personalidade individual tenha pouca importância. Diante disso, a hiperdependência de um indivíduo na sociedade torna-se seu polo de conduta.

A partir do conceito de integração, Durkheim (2000) passa a abranger a educação e religião como um meio para determinado fim. Por exemplo, o autor diz que o desejo de aprender é mais forte entre os protestantes do que entre católicos e, assim, evidencia-se que a porcen-

tagem de suicídios é maior entre as classes sociais com maior nível educacional. Portanto, pode-se dizer que protestantes não estão mais propensos a cometer suicídio do que católicos pelo fato de serem mais escolarizados. Quanto mais o indivíduo aprende, mais ele deixa as doutrinas e constrói um pensamento crítico, deixando a consciência coletiva. Exemplificando, era comum do catolicismo que somente os padres lessem a Bíblia, impedindo, assim, o desenvolvimento cognitivo das massas, mantendo a fácil manipulação da população. Isso fica evidente entre a Irlanda e a Irlanda do Norte, no caso, Grã Bretanha, a qual a primeira define-se como católica e majoritariamente rural enquanto, na mesma época; a segunda era protestante e já passava pela Primeira Revolução Industrial. Dingley e Mollica (2007) escrevem que os protestantes eram majoritariamente urbanos e industriais, além de serem orientados culturalmente pela Inglaterra. Assim, os protestantes da Irlanda do Norte eram hostis ao catolicismo irlandês, uma vez que “por compartilharem de valores científicos tornaram-se veementemente contrariados pela Igreja católica” (DINGLEY; MOLLINA, 2007, p. 4).

Partindo do ponto estabelecido por Durkheim, o de que os católicos são muito mais propensos a cometer suicídio do que os protestantes, tal ideia concretiza-se uma vez que “nenhum dos grevistas irlandeses era protestante” (DINGLEY; MOLLINA, 2007, p. 11). Todos provinham de famílias afiliadas ao catolicismo tradicional, com um perfil sociocultural e econômico. Em relação à educação, “nenhum dos 10 grevistas tinham ensino superior e apenas três haviam terminado o ensino fundamental” (DINGLEY; MOLLINA, 2007, p. 11). Como somente alguns republicanos eram protestantes, o perfil dos indivíduos participantes das greves de fome reforçou a índole republicana, sendo uma delas a habilidade de estabelecer laços intensos entre a comunidade.

Em vista disso, outro conceito a ser abordado a fim de entendermos melhor como se estabelece o pensamento coletivo e individual de um grupo terrorista é o fenômeno do contágio, inicialmente descrito por Gustave Le Bon. Le Bon (1895) deu início à primeira teoria sociológica sobre comportamento coletivo. Alguns anos depois, Robert Park continua a pesquisa de Le Bon e explica como o contágio ocorre socialmente, dentro da dinâmica de um grupo – o

termo contágio é utilizado para explicar a transmissão de pensamentos, ideias e comportamentos de um indivíduo para todo um grupo. A teoria parte da premissa de que as pessoas podem ficar temporariamente loucas e irracionais dentro de um grupo e só voltarão ao normal quando saírem dessa situação.

Segundo Park (1921), as pessoas se conectam de maneira intensa durante períodos de estresse e desordem; conceito facilmente identificável em grupos com conotação terrorista, uma vez que os indivíduos agrupam-se a fim de realizarem uma mudança, normalmente radical, na sociedade em que estão inseridos. Através dessa interação, seu comportamento pode ser denominado como social porque, defende Park (1921), seus pensamentos e ações são influenciados pelos atos de todos os outros indivíduos do grupo; ou seja, cada pessoa age coletivamente, de acordo com o desejo da sociedade em que está e, inconscientemente, vivendo de acordo a regras já aceitas e obedecidas por todos. Assim, esse sentimento de interação leva os indivíduos a pensarem que todos querem a mesma coisa, têm o mesmo pensamento e almejam as mesmas metas. Portanto, “essa reação circular produz o contágio” (PARK, 1921, p. 816). As pessoas apoiam esse comportamento através da imitação, até todos estarem agindo da mesma forma. Como exemplo, podemos analisar o Hamas e os homens-bomba; uma vez que um membro se engaja no pensamento suicida de característica altruísta, estando dentro de uma sociedade ou grupo e, devido a essa forte inserção, outros indivíduos passam a imitá-lo e defender a ideia inicial como se fosse algo inato. Diante dessa situação, todos acreditam que esse é o comportamento correto pelo simples fato de que todos estão fazendo a mesma coisa.

O caso das greves de fome do IRA não se difere. Mesmo os presos não estando convivendo diariamente juntos, pois estavam encarcerados e são denominados criminosos – ou seja, não tem o direito de se relacionarem com outros detentos –, Park (1921) explica que essa influência pode ocorrer mesmo quando as pessoas não estão no mesmo lugar ao mesmo tempo. Desde que os indivíduos estejam de alguma maneira cientes do comportamento dos outros, isso influencia diretamente seu estado de espírito e, conseqüentemente, seu comportamento, criando uma mentalidade grupal. Por tanto, uma vez engajado na causa, Bobby Sands tomou a decisão de parar de comer e, coletivamente, o grupo decidiu segui-lo, sempre apoiando e reforçando a causa, toman-

do a ação como sua. Para Dingley e Mollina (2007), a habilidade de estabelecer laços com a comunidade era crucial. Identificando-se como “normais” ou “iguais”, a maioria dos membros da comunidade católica nacionalista conseguia colocar-se no lugar dos grevistas, simpatizar com eles e partilharem do mesmo sentimento de angústia. Como descrito por Le Bon (1895), Dingley e Mollina (2007) reforçam, mais de 100 anos depois, a mesma ideia: tal ligação emocional é capaz de anular o racional no senso coletivo.

Por último, em territórios Palestinos, existe, atualmente, o culto do martírio. Speckhard (2005) relata que, a partir de uma idade muito jovem, as crianças são introduzidas em uma consciência coletiva que homenageia e admira mártires, incluindo homens-bomba que sacrificaram suas vidas para a luta contra, como é percebida pelos palestinos, a ocupação injusta de suas terras. Histórias são contadas para as crianças e colares são comumente utilizados como meio de veneração aos mártires, exaltando as virtudes dos mesmos. Outra maneira de perpetuar na sociedade, para Speckhard (2005), é através do vídeo, uma vez que cada suicida grava um “testamento” para ser passado na televisão e, conseqüentemente, visto pela maioria da população, nesse caso, palestina. Apesar da tristeza da família e amigos deixados para trás, os funerais de mártires são geralmente acompanhados com muita organização e devoção da comunidade. Esse “culto ao martírio”, o qual tem raízes culturais de longa data – a honra aos mártires –, desenvolve-se muito mais nas últimas décadas, com o primeiro ato de terrorismo suicida em Israel ocorrido há apenas 23 anos atrás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao descrever o IRA e o Hamas, ambos grupos de libertação nacional, e analisar como os dois tratam o indivíduo dentro da organização, fica evidente a relação entre eles. A utilização dos membros de maneira material para fins bélicos é perceptível muito mais no caso dos homens-bomba do que nos indivíduos que praticam greve de fome, uma vez em que, como Durkheim (2000) defende, deve haver a vontade de morrer acima de qualquer outro objetivo. Não fica evidente esse desejo como principal durante as greves de fome; pode-se caracterizá-las como uma forma de protesto com conotação

terrorista a fim de desequilibrar o inimigo psicologicamente, mas não como uma arma de guerra. Já os homens-bomba anseiam pela sua morte, pois, como descrito anteriormente, há uma vontade pelo martírio estabelecido dentro da sua comunidade, após sua morte.

Uma vez que o principal foco desse trabalho é analisar a relação do corpo humano como uma arma de guerra em táticas terroristas, em ambos os grupos, acredita-se que foi concretizado. Após analisar mais profundamente os dois movimentos e a interação de ambas comunidades, fica claro a semelhança não só militar, mas de pensamento. Um grupo buscou aprender com o outro para não errar no futuro - caso do IRA, procurar obter dicas com um sobrevivente palestino de uma greve de fome. Por fim, acredita-se que pelo fato do IRA ter a possibilidade de ter “sobreviventes”, e, para o Hamas isso seja praticamente impossível, torna-se aparente o quanto o corpo humano é utilizado como tática de guerra para o grupo muçulmano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEGIN, Menahem. **The Revolt: Story of the Irgun**. Jerusalem: Steimatzky, 1977.
- CHALIAND, Gerard e BLIN, Arnaud. **The history of terrorism: from Antiquity to Al-Qaeda**. Londres: University of Caroline press, 2007.
- DINGLEY, J.C. e MOLLICA, M. **The Human Body as a Terrorist Weapon: Hunger Strikes and Suicide Bombers**. Studies in Conflict and Terrorism, Volume 30, Edição 6, 2007.
- DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3ª edição. São Paulo: Atlas, 1991.
- GODOY, A. S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, 1995.
- GOOGAN, Tim. **The IRA**. New York: Palgrave, 2002.
- HANLEY, Brian e MILLAR, Scott. **The Lost Revolution: The Official IRA and the Worker's Party**. Irlanda: Penguin Books, 2010.
- LE BON, Gustave. **The Crowd: A Study of the Popular Mind**. França, 1895.
- MINAYO, M.C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22 edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- MCQUEEN, Steve. Hunger. [Filme-Vídeo]. **Produção de Laura Hastings-Smith e Robin Gutch, direção de Steve McQueen**. Inglaterra e Irlanda, Northern Ireland Screen, 2008.1 DVD, 90 min. color.som.
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- PARK, Robert. **Introduction to the Science of Sociology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1921.
- POWELL, Robert. **International Terrorism Since 1945: Season 1, Episode 4 and 5 - PLO, Fatah and Hamas**. [Documentário/Série-Vídeo]. Inglaterra, UKTV History, 2009.
- SHARIATI, Ali. **Martyrdom**. Islamic Renaissance Series, TheMulsin View, e-Book, 2011.
- SPECKHARD, Anne. **Understanding Suicide Terrorism: Countering Human Bombs and Their Senders**. Weintraub Atlantic Council Publication, Volume I, 2005.
- VOLKAN, Vamik. **Suicide Bombers**. Estados Unidos: Virginia University Press, 2005.